

***REDESENHEMOS A NOSSA ECONOMIA***  
**ECONOMIA-APOSTOLADO:**  
**UM GRANDE DESAFIO**

*Ir. Maria Gabriella Santon, ecônoma geral*

## ***REDESENHEMOS A NOSSA ECONOMIA*** **ECONOMIA-APOSTOLADO: UM GRANDE DESAFIO**

Quando, em janeiro de 2009, nos reunimos com o Conselho ampliado, do qual nasceu o projeto do redesenho que está orientando e valorizando todas as forças da congregação, sublinhamos a importância de redesenhar também a nossa economia.

Havia apenas começado a crise econômica mundial que, como uma mancha de óleo estava estendendo-se por todo o planeta. No momento não podíamos ainda ter consciência de quanto a crise mundial repercutiria sobre a nossa economia e, como consequência, sobre nosso apostolado.

Dizíamos, então, que era importante empenhar-nos em alguns aspectos: aumentar a produção e a difusão; diminuir as despesas; verificar como se vive concretamente a pobreza paulina e redimensionar os gastos comunitários e administrativos; usar melhor os recursos e crescer na solidariedade entre nós...

Nos encontros continentais de redesenho e no Intercapítulo conseguimos dar um salto de qualidade no redesenho da economia para que seja sempre mais aberta à missão e favoreça o crescimento na comunhão, na solidariedade e na valorização do trabalho.

Neste encontro de apostolado-economia, retomamos o assunto, com o desejo de dar continuidade às reflexões já começadas. Portanto, o nosso discurso não é algo isolado, mas supõe tudo o que já refletimos anteriormente.

### ***Os recursos a serviço da missão***

Falando de redesenho do apostolado, e sobretudo, buscando respostas mais adequadas e eficazes aos desafios da evangelização, não podemos prescindir da forte relação que tudo isso tem com a economia. Se não nos empenharmos num sério redesenho da economia, o processo do redesenho do apostolado pode não ter continuidade e não ser eficaz. Devemos estar conscientes da importância de trabalhar imediatamente as escolhas em nível econômico para que os recursos, dos quais dispomos possam continuar a sustentar a missão.

Conhecemos a grande relação que existe entre apostolado e economia e sabemos que motivo algum pode quebrar este vínculo, mas na prática esta convicção, muitas vezes fica só na teoria.

Como congregação, nos encontramos numa encruzilhada. Estamos diante de grandes desafios. De um lado a atividade apostólica nos impulsiona e o desejo de atender aos destinatários nos estimula a buscar novos canais de difusão, a abrir-nos às novas tecnologias, a arriscar com coragem... De outro lado temos consciência que a nossa solidez econômica começa diminuir e que, para desenvolver a atividade apostólica no âmbito da comunicação e com os meios atuais, precisamos de muitos recursos. Onde buscá-los, senão da própria missão?

O equilíbrio entre estas duas dimensões: apostolado-economia, é um dos grandes desafios que temos neste momento histórico em que vivemos, porque não podemos esquecer que a economia está a serviço do apostolado e o apostolado dá continuidade e solidez à economia. Esquecer esta mútua relação é arriscar a falência do apostolado.

Não existem receitas a esse respeito, ou, pelo menos não as conheço; juntas devemos procurar reforçar este vínculo, para que a economia possa enfrentar as ameaças a que está sujeita.

É de grande atualidade o que afirmam as Constituições:

O nosso apostolado exige meios caros e uma atividade administrativa complexa. As iniciativas apostólicas, a vida comunitária, a formação, o próprio espírito da congregação estão condicionados aos bens temporais, seja pelo abuso dos mesmos, como pela excessiva economia. Tudo exige sabedoria e equilíbrio (Const.178).

Em 1955 o Primeiro Mestre dizia às Filhas de São Paulo:

A Família Paulina deve tirar o necessário da redação que, sendo o primeiro trabalho, o mais necessário e o mais difícil, deve ser melhor pago; tirar da técnica, isto é, da imprensa, das películas e dos livros: daqui, deste apostolado deve vir o sustento ordinário do Instituto. A vida tem suas exigências que devem ser satisfeitas com o nosso trabalho (FSP55, p. 560).

### ***Administração: quarta roda do carro paulino***

O espírito que nos guia na administração dos bens temporais é o mesmo que anima e sustenta a nossa escolha evangélica de pobreza (Const. 177).

Na parte central do artigo 45 das Constituições, encontramos reassumida a visão do Fundador, muito ampla e positiva.

Vivemos [a pobreza] com responsabilidade e na linha positiva indicada pelo Fundador, como pobreza que “renuncia, produz, conserva, provê e edifica”.

Podemos demorar-nos um pouco sobre estes verbos que caracterizam a nossa pobreza.

1. *Pobreza que renuncia*: « Renuncia à administração, ao uso independente, àquilo que é comodidade, gosto, preferências e tudo tem em uso» (UPS I, p. 447).

Jesus usa somente uma vez o verbo *renunciar*, mas usa muitas vezes o verbo *deixar* com diversas nuances, muito iluminadoras. Usa-o de modo especial para dizer que é preciso preferir a ele que as coisas, as pessoas, os amigos (cfr. Mt 19,29). Tudo isso exige discernimento para individuar aquilo que é necessário e aquilo que é supérfluo, em nível de coisas, de pessoas, de cultura, de relações, de lazer, de afetos familiares. etc. À luz do Evangelho a nossa renúncia (o nosso “deixar”) é uma grande riqueza, um crescimento humanitário.

Alberione acrescenta:

Espírito de pobreza que priva: saibamos privar-nos de certas coisas. Não sejamos demais exigentes. Às vezes encontra-se gente que só exige e não pensa em dar, que não pensa em privar-se” (FSP55, p. 557).

2. *Pobreza que produz.* «Produz com o trabalho assíduo, produz, quer para si como para as pessoas» (UPS I, p. 447). O verbo *produzir* é sinônimo de fecundidade, de testemunho: «toda árvore boa produz bons frutos» (Mt 7,17); a semente jogada em bom terreno produz trinta, sessenta e cem por um (cfr. Mt 13,23). É também um verbo Pascal: a semente morre, «produz muito fruto (Jo 12,24); é fecundidade, é criatividade apostólica: «Nisso meu Pai é glorificado: que produzais muito fruto» (Jo 15,8).

Portanto, o primeiro [exercício] de pobreza está em produzir. Quem perde tempo, quem fica somente olhando os outros e não produz, deve confessar-se disso. Produzir e produzir inteligentemente. Não é possível e não deve acontecer que um livro, um filme, um periódico sejam constantemente passivos (FSP-SdC 155).

Usar bem o tempo! Quer na redação, na técnica, como na divulgação e na propaganda. Ocupar o tempo! Nossos Institutos são institutos em que o trabalho é prescrito.

3. *Pobreza que conserva.* Este verbo tem um significado muito amplo. No Evangelho o verbo conservar é sinônimo de responsabilidade: «Guardai no teu nome aqueles que me deste e cuidei deles» (Jo 17,12); é colocar-se no caminho de Maria que «guardava a Palavra em seu coração (Lc 2,51. 8,21). Paulo amplia o sentido do verbo *conservar* e o estende ao patrimônio carismático (cfr. 1Cor 11,2), na fé (cfr. Rm 14,22; 2Tm 4,7), na transparência de vida (cfr. At 24,16; 1Tm 5,2). A pobreza que conserva é, antes de tudo a pobreza que «conserva no coração». Mas, é também a pobreza de quem conserva as coisas que tem em uso:

... conservar, cuidar bem das coisas. Uma (irmã) usa um carro e o estraga num ano; outra usa um carro igual e o faz durar dois ou três anos. É preciso que se cuide das coisas, conservá-las o mais possível e nas devidas condições. Portanto, conservar as casas; às vezes é preciso consertar o teto, ou o piso. E, além disso existem todas as outras coisas que dizem respeito às livrarias, às agências de cinema, etc. (FSP-SdC 156).

Conservar os bens e respeitá-los para o fim a que são destinados. Conservar os bens é poupar para poder ter recursos suficientes para o progresso no apostolado. Conservar os bens imóveis, as estruturas com cuidados finalizados e não desperdiçar.

A sociedade de consumo nos leva a viver o princípio do *usa e joga*. Nós também, por vezes somos vítimas desta filosofia e nos custa reciclar. Mas, com o modo de “usar e jogar” estragamos a economia e também a ecologia.

*Pobreza que sabe poupar*, para que se possa fazer obras sempre maiores. O Instituto cresce e, de tanto em tanto, aparecem novas necessidades... (FSP55, p. 557).

4. *Pobreza que provê.* É participação ao estilo de Deus que sempre provê (Sl 104,28). Supõe um coração vigilante e materno que se carrega das necessidades dos outros, até o esquecimento de si mesmo. Exige um grande sentido de pertença à comunidade e à congregação, para não ser de peso e, como diria São Paulo, prover com as próprias mãos às necessidade da comunidade(cfr. At 20, 34).

Prover às necessidades da casa, do Instituto. A ecônoma deve prover. Prover no justo sentido, em conformidade às necessidades da saúde: se houver necessidade de um aquecedor, liga-se o aquecedor, se houver necessidades especiais para uma doente, sejam providenciadas aquelas coisas particulares; e se forem necessários remédios, sejam providenciados. Prover e prover com caridade (FSP-SdC 157).

É boa e sadia aquela administração que atende a todas as necessidades dos membros da congregação, e sobretudo provê a tudo o que for necessário para que a missão possa desenvolver-se e todas as atividades apostólicas possam progredir.

5. *Pobreza que edifica.* É um verbo todo paulino e faz desembocar a pobreza na caridade. Paulo estende este verbo à profecia, à ajuda recíproca, à Igreja.

A edificação refere-se também ao progresso... Pobreza e progresso não são antíteses... Para Alberione e Tecla “progresso” era um refrão contínuo... Progresso na vida espiritual, no estudo, no apostolado, na parte econômica (cfr. FSP46, pp. 37-38):

É preciso que todas tenhais um período de maior calma e formação na vida religiosa, espírito, estudo, apostolado, pobreza. O Senhor quer as Filhas de São Paulo muito mais santas, instruídas, zelosas, pobres (CVV 32).

Sobre esta quarta roda caminha o vosso Instituto, no qual não deve faltar o progresso, quer individual e como Instituto. Nós só faremos boa impressão, enquanto fizermos o bem, enquanto observarmos bem a pobreza. Ninguém deve ser mais pobre do que nós quanto aos bens externos para o corpo, mas ninguém deve ser mais sociável do que nós quanto ao comportamento...O Instituto deve ser pobre e rico ao mesmo tempo. Pobre pela nossa observância individual da pobreza e rico pelos meios de apostolado... (FSP46, p.38).

Do ponto de vista carismático podemos, por isso, afirmar que a administração (a pobreza) é verdadeiramente a quarta roda do carro paulino. É muito importante que neste processo de redesenho não esqueçamos de colocar em equilíbrio as quatro rodas para que o carro possa avançar bem. Por isso, devemos salvar e fazer crescer esta quarta roda: salvar a nossa economia é salvar a missão.

### ***Interrelação apostolado-economia***

A necessidade de uma maior interação e integração entre apostolado e economia é evidente. Em muitas pesquisas, em muitos diálogos e encontros entre os vários setores de apostolado, evidencia-se continuamente esta urgência. Porém, a julgar pelos resultados, parece que o esforço é ainda insuficiente para resolver certos problemas práticos que estão tornando-se crônicos.

Não será este o momento e o lugar para perguntar-nos, seriamente, como podemos salvar a nossa economia e dar ao apostolado aquelas aberturas necessárias para responder, hoje, aos desafios que a missão e os novos meios nos apresentam?

A nossa economia resente a crise financeira mundial. Não sabemos o que nos espera no futuro e não podemos fechar os olhos diante desta realidade.

Analisando os valores carismáticos que deveriam sustentar as nossas escolhas apostólicas no desejo dar respostas mais acertadas e desafiadoras, creio que podemos resumir tudo nestas duas palavras: **sábria administração.**

Mas o que é uma sábria administração paulina?

Todas sabemos, na teoria, o que quer dizer *sábria administração*. Na prática, porém, nos encontramos diante de grandes dificuldades para administrar bem os recursos, para torná-los frutuozos e colocá-los, de verdade, a serviço da missão

### ***Administrar é colaborar e coordenar***

Não podemos falar de administração sábria se faltar colaboração e coordenação entre os setores apostólicos. É necessário um envolvimento inteligente de todas, para alcançar aquele equilíbrio sadio entre a produção, a realização, a difusão e a economia. Muitas vezes isso não existe. Então, quem produz enche os depósitos; quem difunde não aprecia e não difunde as produções *Paulinas*, e quem deve pagar não tem dinheiro. Como bem podemos ver é um círculo vicioso. Os depósitos cheios não servem para nada. As novas tecnologias nos dão a possibilidade de uma imprensa digital pela qual podemos imprimir apenas o número de cópias que prevemos difundir. Talvez custem um pouco mais e teremos menos lucros, porém trabalharemos sem perdas e isso já é um lucro. Produzir tantas coisas bonitas que não chegam aos destinatários, não serve para nada, não produz nenhum fruto.

Coloquemo-nos, mais uma vez, à escuta do Fundador:

Todos devem harmonizar-se como o fazem os artistas que apresentam uma bonita ópera. Quantas vontades e energias desligadas, desorganizadas, perdem-se em desejos, em tentativas, em desilusões! É preciso que todas juntas preparemos o pão do espírito e da verdade (UPS).

É urgentíssimo aprender a decidir juntas aquilo que devemos produzir e procurar juntas novas formas de difusão. Devemos ter a coragem de mudar, de progredir, de fazer novas experiências, de dar às nossas livrarias e aos centros de difusão uma face nova, torná-los mais atraentes e eficazes, também do ponto de vista econômico.

Tudo isso só é possível realizar através de uma gestão coordenada e uma economia sadia, fruto de um esforço “titânico” por parte de todas.

Para sobreviver, nossas sociedades fazem alianças em vários níveis. Nós temos muita dificuldade para manter as alianças ditadas pela nossa realidade de congregação, de religiosas e membros de uma família, aquelas alianças que são prescritas pelas

Constituições. Se não abrimos os horizontes em nível apostólico continental e mundial, permaneceremos estagnadas. Não progredir, dizia o Primeiro Mestre, é já retroceder.

### ***Administração é encontrar o justo equilíbrio***

Uma boa coordenação deverá buscar também um equilíbrio justo entre ganhos e custos: cada atividade apostólica deve sustentar-se, para que a missão possa progredir.

Dizia o Primeiro Mestre:

As iniciativas devem ser vitais, isto é, viventes. Que possam viver, de outro modo o apostolado se esvai; isto é, termina; e o que ainda resta?... É preciso que cada uma tome consciência!... às vezes uma iniciativa pode ser passiva, sim, por um breve tempo, mas não pode ser estavelmente passiva. Aquelas obras não são vitais! Gastam o trabalho dos outros. As obras são vitais e, portanto, devem produzir (FSP-SdC n.155).

Hoje nos encontramos diante de uma realidade preocupante: temos um aumento desproporcional de despesas com respeito à margem disponível. Se a difusão diminui, necessariamente deveriam diminuir também as despesas administrativas e comunitárias. Na realidade não acontece assim.

Todas temos a grande responsabilidade de fazer escolhas apostólicas adequadas que respondam às exigências atuais da missão e ao mesmo tempo as auto-financiem. Essa não é uma responsabilidade somente da ecônoma, mas de todas: das superiores, das responsáveis pelos departamentos apostólicos, de todas as irmãs. A sobriedade no estilo de vida, a laboriosidade, o bom uso do tempo, dos recursos e dos bens são fatores indispensáveis para encontrar o justo equilíbrio econômico.

### ***Administrar é ter uma boa organização***

Uma sábia administração deve dar grande importância também à organização. Organizar-se para organizar o bem. A organização orgânica da nossa missão é indispensável e favorece uma grande poupança de energias, de recursos econômicos. De tempo, e nos leva, necessariamente, a maiores resultados. Trabalhar sem boa organização é perder tempo e energias. Organizar-nos bem e saber trabalhar em equipe é dar a cada uma a possibilidade de colocar à disposição da missão os talentos, as potencialidades, os dons culturais e profissionais. Não desperdicemos os dons que o Senhor nos deu, unicamente por antipatias.

Devemos ser testemunhas de um trabalho realizado em colaboração, sem arrivismos, na paz, sem avidez de ganhos, com generosidade, sem cálculos e medidas... (UPS).

Naturalmente a organização deve ser bem feita e adapta à nossa medida. Não podemos vestir uma roupa demasiado grande... Certas macro-organizações que assumimos, não podemos sustentá-las, nem profissionalmente e nem economicamente.

Antes, em muitos casos, sistemas informáticos não adequados à nossa atividade, correm o risco de levar-nos à falência econômica e, portanto, apostólica.

É urgente uma profunda e sincera avaliação da nossa organização apostólica e econômica em todos os níveis e, cada setor apostólico deve poder assumir a própria responsabilidade numa boa relação e colaboração com os setores administrativos; realizar aquelas mudanças necessárias para melhorar e tornar mais eficaz e funcional todas as nossas atividades.

### ***Conclusão***

Concluo com as palavras do Primeiro Mestre

Administração, conforme os princípios de Jesus e de Paulo. Devemos cuidar de tudo aquilo que Deus providenciou para nós e devemos prover a nós mesmas e fazer caridade aos que necessitam. Quando pensamos que o Senhor criou o mundo e colocou na natureza tantas coisas, devemos ser reconhecidas . Reconhecidas pelo telefone, pelo rádio; reconhecidas pelo grão que cresceu, reconhecidas pelo avião, pela energia atômica. Dizemos que tudo isso é invenção humana, isto é, os homens estudando a obra de Deus encontraram as forças que Deus colocou na natureza. Cada invenção é um capítulo de louvor a Deus, é uma descoberta daquilo que Deus colocou na natureza. E quantas coisas Deus colocou em nós que não utilizamos de modo suficiente! Não utilizamos suficientemente a fantasia, o coração, a mente, as relações com o próximo. Não utilizamos, especialmente, todos os meios que a Providência nos deu para o nosso apostolado. O Senhor colocou à nossa frente tesouros e, ainda mais os colocou dentro de nós, tesouros que não sabemos, nem mesmo descobrir (FSP55, p. 554).

Desejamos que, neste Encontro de apostolado-economia, possamos descobrir verdadeiramente os tesouros que o Senhor colocou em nossas mãos para desenvolver a nossa missão no mundo de hoje; que saibamos administrá-los bem, fazendo-os frutificar economicamente “cem por um”.